



Usos do nacionalismo na eleição provincial de abril de 2014 no Quebec

Oscar Augusto Berg¹

Tatiana Vargas Maia²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo principal determinar o papel que o nacionalismo exerceu na eleição de 7 abril de 2014 na Província do Quebec, no Canadá. Para isso, realizamos uma pesquisa documental junto a três jornais quebequenses francófonos, *La Presse*, *Le Devoir* e *Le Journal de Montréal* nos quais identificamos, ao longo da campanha eleitoral, um total de 490 publicações relacionadas à questão nacional quebequense, o que revela a notável atenção recebida por esta temática na cobertura midiática das eleições. A análise destes dados nos permitiu identificar que cada um dos quatro partidos com representação parlamentar adotou pontos de vista diferentes sobre a questão nacional, apresentando visões concorrentes sobre o futuro político do Quebec. Este cenário nos leva a concluir que a relação com o projeto de independência continua a estruturar a política quebequense.

Palavras-chave: Quebec (Canadá); Nacionalismo; Minorias Nacionais; *Parti Québécois*; Pluralismo;

The uses of nationalism in Quebec April 2014 provincial election

Abstract: This paper aims to define the role that nationalism played in Quebec's April 7th, 2014 general election. In order to do so, we conducted out a documental research in three francophone Québécois newspaper, *La Presse*, *Le Devoir* and *Le Journal de Montréal*, in which we identified a total of 490 publications related to Quebec's national question, demonstrating the attention that this issue received during the electoral campaign's media coverage. The analysis of these data allowed us to identify that each party represented in the *Assemblée Nationale* adopted different points of view concerning the national question, presenting competing visions of the political future of Quebec. This scenario drives us to conclude that the independence project is still relevant to the structure of politics in Quebec.

Keywords: Québec (Canada); Nationalism; National Minorities; *Parti Québécois*; Pluralism.

Introdução

Em 7 de abril de 2014, a população do Quebec foi às urnas para eleger a 41^a legislatura da província canadense. Naquele dia, os quebequenses infligiram uma dura derrota ao *Parti Québécois* (PQ), desmentindo todas as sondagens de início de campanha, que o apontavam, em meados de março daquele ano,

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), bacharel em Relações Internacionais pelo Centro Universitário La Salle Canoas (2016), com período sanduíche na Universidade do Quebec em Montreal (UQAM), onde foi bolsista Futuros Líderes das Américas (ELAP), do Governo do Canadá. É coordenador do Núcleo de Estudos Canadenses da Universidade La Salle Canoas e Jovem Embaixador da Francofonia das Américas. Atualmente, é bolsista Capes.

² Doutora em Ciência Política pela Southern Illinois University - Carbondale (2015), mestre em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), bacharel em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), e bacharel em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004). Coordenadora e professora do Bacharelado em Relações Internacionais, coordenadora e professora da Licenciatura e do Bacharelado em História da Universidade La Salle, professora no Programa de Pós-Graduação em Memórias Sociais e Bens Culturais da Universidade La Salle. É, também, Coordenadora do Comitê da Universidade La Salle para o Pacto Universitário Pela Promoção do Respeito à Diversidade, da Cultura da Paz, e dos Direitos Humanos, e representante da Universidade La Salle no Comitê Gaúcho Impulsor do Movimento #ElesPorElas da ONU Mulheres.

como o provável vencedor do pleito. Assim, longe de alcançar o seu objetivo de conquistar 75 distritos (SALVET, 2014), o PQ venceu em apenas 30, recebendo a segunda menor votação de sua história. Ao passo que alguns analistas e comentaristas políticos anunciaram esta derrota como “uma crise de identidade” (BOISVERT, 2014, p. A6), “uma sanção” (DESCÔTEAUX, 2014, p. A1), ou mesmo, o início “de um longo inverno” (DAVID, 2014, p. A3) imposto ao partido que estava no poder desde setembro de 2012, outros a anunciaram como a morte do nacionalismo quebequense (MCPARLAND, 2014; PATRIQUIN, 2014), referenciando a orientação independentista deste partido de origem social democrata.

A corrente nacionalista foi, majoritariamente, brutalizada. Nós podemos até mesmo nos perguntar se a baixa votação do PQ não seria uma forma de negação do nacionalismo, tanto que este partido encarnara sua essência durante a eleição de 2014 (BERNIER ARCAND, 2015, p. 9-10).

O recurso ao nacionalismo, de modo geral, e à perspectiva de independência do Quebec, em específico, como fatores explicativos da derrota sem precedentes do PQ podem parecer estranhos à primeira vista. Em primeiro lugar, como indicam alguns autores, o nacionalismo seria um fenômeno condenado a desaparecer em um mundo globalizado (KEATING, MCGARRY, 2001, p. 4; KYMLICKA, 2001, p. 61), aspecto particularmente sensível em uma nação profundamente integrada à economia global e definida enquanto sociedade de acolhida de imigrantes (GAGNON, BOUCHER, 2016). Igualmente, este argumento causa estranheza, pois desde a derrota do segundo referendo sobre a soberania, em 1995, o PQ havia deixado de lado a determinação em promover o ideal independentista, preferindo aguardar “condições vitoriosas” para organizar um novo referendo sobre a independência, cuja perspectiva fora, finalmente, trocada pela promoção da ideia de “governança soberanista”, quando o PQ retomara o poder, em 2012. Esta oposição entre uma ideia que se anunciava condenada a desaparecer do cenário político quebequense e que, como demonstraremos, acabou por influenciar a evolução da campanha, chamou a nossa atenção para o estudo da eleição provincial quebequense de abril de 2014.

O objetivo do presente artigo é investigar os papéis que o nacionalismo, de um modo geral, e o projeto de independência, em específico, exerceram nesta eleição, partindo da análise da cobertura midiática deste evento. Por um lado, nos interessamos pela abordagem que a mídia fez da presença destes dois assuntos – que reunimos sob o nome de questão nacional, como geralmente é feito no discurso público *québécois* – e, por outro lado, pelos usos que cada formação política com representação parlamentar na Assembleia Nacional do Quebec (ANQ) fez da questão nacional. Para atingir este objetivo, conduzimos uma pesquisa documental junto às bases de dados de edições escritas de três dos principais jornais do Quebec – *La Presse*, *Le Devoir* e *Le Journal de Montréal* – aplicando um dicionário temático para selecionar apenas as publicações em torno da questão nacional, o que nos permitiu identificar 490 documentos, entre artigos de opinião, editoriais e notícias, veiculados ao longo da campanha eleitoral e portando sobre a temática de nosso interesse.

Antes de avançarmos os resultados dessa investigação, apresentamos duas sessões de debate e revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento do nacionalismo no Quebec e a evolução de seu sistema político. Finalmente, o tratamento dos dados recolhidos confirma que o nacionalismo ocupou, de fato, um papel preponderante nesta eleição. De maneira particularmente interessante, demonstramos que o recurso à temática nacionalista se deu mais por parte dos detratores do projeto de independência quebequense para prejudicar as formações independentistas, em especial o PQ, do que por estas, que, além de tudo, registra-

ram uma grande dificuldade em articular um projeto nacionalista e independentista claro aos olhos dos eleitores quebequenses e de acordo com suas preocupações e preferências políticas atuais.

O fenômeno nacionalista e o seu desenvolvimento no Quebec

Ao abordar a complexidade envolvida em apresentar uma definição de nacionalismo, Anthony Smith adverte que “exatamente por parecer tão multiforme e esquivo, o nacionalismo só se revela em suas diversas formas, ou melhor, nas formas que nos são dadas por seus proponentes e críticos” (SMITH, 2000, p. 185). Um dos principais debates nos quais os estudiosos do nacionalismo têm se concentrado – aquele do primordialismo contra o modernismo – é decorrente dessa advertência. Por um lado, os primordialistas enxergam o nacionalismo como uma variante do etnicismo e, portanto, destacam as suas dimensões emocionais e, até mesmo, raciais, inscrevendo as nações contemporâneas na continuação de um processo anterior de formação social e política. Por outro lado, os modernistas, deixam de lado questões étnicas e destacam o pertencimento cívico e político à nação (HEARN, 2006, p. 7).

Ao descrever o Quebec como objeto de estudos, Gagnon afirma que “[ele] é visto como um vasto laboratório de primeira importância, permitindo identificar, entre outros, os principais desafios relativos à memória, às identidades e ao pluralismo com que se confrontam as pequenas nações nas democracias liberais avançadas” (2003a, p. 14-15). O termo pequena nação impacta diretamente no entendimento que teremos, aqui, acerca do nacionalismo. Ainda que esta designação avançada por Gagnon sofra da falta de um consenso sobre a sua conceitualização (CARDINAL, PAPILLON, 2011, p. 78), podemos perceber que no caso do Quebec ela indica o fato desta sociedade ser uma nação desprovida de sua soberania política – desprovida de seu Estado próprio – e inserida no interior de outra nação, maior, e detentora de um Estado, o Canadá. Ter isso em mente é importante para evitarmos inscrever nosso trabalho no seguinte lugar comum denunciado por Cardinal e Papillon:

No lugar de estudá-las da mesma maneira que as grandes nações, ou seja, como conjuntos construídos no seio dos quais existe uma multiplicidade de atores, as pequenas nações foram representadas mais em função de um suposto sentimento coletivo de insegurança que em função de sua situação geográfica, demográfica e, até mesmo, política. A histórica oposição entre o nacionalismo cívico dos Estados-Nação e o nacionalismo étnico das pequenas nações deve ser compreendido neste contexto (CARDINAL, PAPILLON, 2011, p. 79).

O problema desta abordagem é que ela não é capaz de dissociar as sociedades identificadas como pequenas nações dos nacionalismos que se desenvolvem em seu seio como uma consequência de sua concepção exclusivista da nação, como pretendem Ignatieff, Franck e Hollinger, “[que] automaticamente assumem que nacionalismos minoritários são nacionalismos étnicos” (KYMLICKA, 2001a, p. 69). De modo a superar esse problema, notáveis esforços de conceitualização para o estudo destas sociedades têm sido realizados: Kymlicka (2001b) e Taylor (1992), por exemplo, falam em minorias nacionais, enquanto Keating (2003) desenvolveu a noção de nações sem estado. Estas definições têm permitido compreender pequenas nações a exemplo de Catalunha, Flandres e Quebec como grupos que veem a si mesmo como nações distintas no seio de Estados maiores, que utilizam justamente um nacionalismo minoritário para obterem maior autonomia e reconhecimento de sua especificidade cultural e nacional (KYMLICKA, 2001a, p. 62). Além disso, a ideia segundo a qual os nacionalismos característicos destas sociedades apresentariam

determinada tipologia de maneira automática é abandonada em proveito de uma abordagem particular:

Nacionalismos minoritários não são inerentemente anti-liberais, pré-modernos ou xenófobos. Alguns o são; outros não. Nós devemos observar cada caso de nacionalismo minoritário de acordo com seus próprios parâmetros e examinar a natureza de seus entendimentos sobre si e de suas aspirações (KYMLICKA, 2001a, p. 79).

Situando o nacionalismo quebequense como um nacionalismo de tipo minoritário, podemos adotar a seguinte definição de Balthazar para balizar nosso artigo: Nacionalismo seria “um movimento que consiste em dar uma prioridade ao pertencimento nacional e a lutar para um melhor reconhecimento da nação a qual se pertence” (2013, p. 22). Esta definição tem como vantagem destacar que a luta nacionalista pode ocorrer, em contexto minoritário, tanto pela busca de uma autonomia no interior de uma estrutura política maior – por exemplo, quando o Quebec busca obter poderes exclusivos junto ao governo federal canadense – tanto pela busca da soberania no plano internacional pela formação de um Estado independente.

Da mesma forma que ocorre nos nacionalismos majoritários, os nacionalismos minoritários se apoiam em um passado que não é necessariamente aquele fruto da investigação científica dos historiadores, mas em um no qual a conexão à realidade científica não é exigida; um passado sustentado por tradições supostamente históricas, mas que se revelam, algumas vezes, deliberadamente construídas e fenômenos contemporâneos, cuja invenção assegura uma continuidade histórica artificial, fruto da repetição e de sua rápida institucionalização formal (HOBSBAWM, 1997, p. 9-23). “A nação é uma categoria inventada; não se enraíza na natureza ou na história. Isso leva ao segundo aspecto recente: a modernidade das nações e do nacionalismo. Os nacionalistas aspiram a um passado mítico, que existe apenas nas suas mentes e nas de seus seguidores” (SMITH, 2000, p. 187).

No caso analisado neste artigo, o ponto de partida desse processo é, sem dúvidas, a fundação do Quebec enquanto núcleo de povoamento da colônia francesa da *Nouvelle-France*, a partir de 1608, e, sobretudo, da relação entre esta origem e o domínio britânico que se exerce nesta colônia a partir de 1759, quando os britânicos lhe tomam posse, transformando-a na *Province of Quebec*. A literatura identifica esta primeira evolução como uma espécie de drama fundador da futura nação quebequense (JONES, 1999, p. 173), “uma espécie de pecado original, o traumatismo por excelência” (BALTHAZAR, 2013, p. 48). Neste momento de choque, observamos a emergência de um sentimento de identidade nacional (DUMONT, 1993, p. 117), que mais tarde servirá de base para o desenvolvimento e difusão da retórica nacionalista.

O nacionalismo propriamente dito faria sua primeira aparição no Quebec apenas no final do século XIX, quando a província é dotada, pela primeira vez, de instituições democráticas que possibilitam a participação popular na gestão dos assuntos públicos, uma condição fundamental para a ocorrência de um movimento nacionalista (BALTHAZAR, 2013, p. 41). Ele se manifesta nas Rebeliões Patriotas de 1837-1838, quando militantes patriotas entraram em conflito contra o Império Britânico em defesa de reformas constitucionais que pudessem defender a “nacionalidade canadense”, a qual é entendida como “a conservação daquilo que nos consitui como povo” (PARENT, 1837, p. 107), ou seja, “nossa instituições, nossas leis, nossa língua” (PARENT, 1831, p. 84)), conforme os escritos de um dos seus principais promotores. A partir de então, o Quebec é permeado por diferentes movimentos nacionalistas cuja sucessão entre si, como já pudemos sublinhar anteriormente (AUTOR, 2016), transcorre em um processo de invenção e reinvenção

do passado. Se produz, portanto, uma constante mudança das fronteiras e dos elementos constitutivos da nação quebequense (PERRONE-MOISÉS, 2001), a qual, aliás, nem sempre portou este nome (LALIBERTÉ, 2014, p. 28; RIOUX, 1980, p. 5).

É, em primeiro lugar, o nacionalismo *canadense* que corresponde ao período da província do Baixo Canadá (1791-1838) e ao movimento patriota que dominou a vida política canadense ou baixo-canadense desta época. É, em seguida, o nacionalismo *canadense-francês* que corresponde ao recolhimento de um povo, tornado minoritário, sobre si mesmo e sobre suas tradições. É, enfim, o nacionalismo *québécois* que se manifesta a partir de 1960 com a Revolução Tranquila e uma nova tentativa de afirmação política da nação (2013, p. 39).

A transição do nacionalismo canadense-francês ao nacionalismo quebequense se inscreve em um movimento global de contestação “da autoridade sob todas suas formas” (JONES, 1999, p. 184), o qual, no caso do Quebec, é representado pela Revolução Tranquila, um período de importantes reformas políticas, institucionais e sociais, lançadas pelo governo de Jean Lesage, do Partido Liberal do Quebec (PLQ), em 1960, que buscou

acelerar um processo de atualização e modernização que começara após a guerra, mas que no Quebec foi consideravelmente freado pelo conservadorismo do governo Duplessis. Esse processo implica a tomada pelo Estado de instituições dominadas até então pelo setor privado, notadamente a Igreja Católica, a fim de lhes dar uma nova racionalidade e de democratizar o seu acesso. Três setores em particular, a educação, a saúde e os assuntos sociais veem suas estruturas e seus programas serem profundamente transformados. O Quebec se inscreve, daqui para frente, sem equívoco no marco do Estado Providência (LINTEAU ET AL, 1989, p. 422).

Estas transformações levam a uma grande contestação do nacionalismo canadense-francês. Do seu triângulo constitutivo, dois elementos – a referência à religião católica e à etnia *canadienne-française* para estabelecer as fronteiras da nação – são esvaziados e o terceiro, a defesa da língua francesa, não se inscreveria mais em uma lógica de sobrevivência (MILOT, 2009, p. 67). As reformas da Revolução Tranquila e construção de um Estado moderno único no seio do Canadá (GAGNON, MONTCALM, 1992, p. 60) conscientizam os francófonos do Quebec que eles poderiam se apoiar nesta estrutura política para defender a sua emancipação (BALTHAZAR, 2013, p. 147) e, assim, que eles não poderiam mais ter seu destino ligado àquele dos francófonos vivendo em contexto minoritário nas demais províncias canadenses³. Neste cenário no qual o nacionalismo assume o objetivo não apenas de fazer uma população sobreviver, mas de afirmar uma nação *québécoise* no interior e no exterior das fronteiras do Quebec, o nacionalismo *québécois* faz emergir, pela primeira vez desde as Revoltas Patriotas, do século XIX, a ideia da independência do Quebec.

Polarização política e sistema de partidos no Quebec

A emergência de uma nova identidade e do nacionalismo *québécois*, nos anos 1960, representa a chegada da opção independentista ao centro do debate. A antiga União Nacional (UN), principal representante do nacionalismo canadense-francês, rapidamente desaparece do mapa eleitoral na década de 1970, sendo eclipsada pelo PQ, fundado em 1968 pelo ex-ministro do governo Lesage, René Lévesque, que

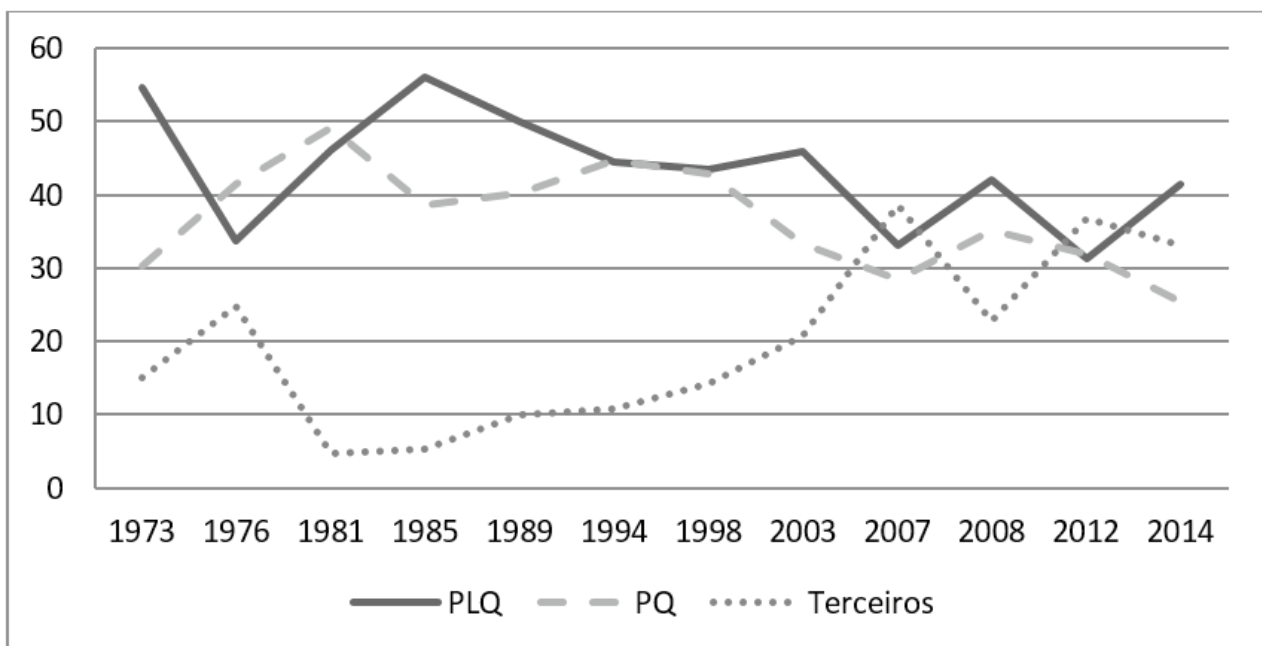
³ Esta situação de uma francofonia minoritária na escala do Canadá, porém, majoritária no interior da província do Quebec perdura até hoje. Em 2011, o francês era a língua materna de 22% dos canadenses e 79,7% dos quebequenses. Descontando os dados do Quebec, 4,2% da população das demais províncias canadenses têm o francês como língua materna (GOUVERNEMENT DU CANADA, 2011, p. 2-3).

divergia de seu partido de origem quanto à sequência a ser dada à Revolução Tranquila. Em sua opinião, a construção de um Estado moderno no Quebec deveria levar ao acesso à soberania (LÉVESQUE, 1997). O PQ se erige, desde a sua origem, como o partido dos independentistas quebequenses, enquanto o PLQ, que assume cada vez mais a defesa da permanência do Quebec na Federação Canadense, como a *maison commune* dos federalistas quebequenses. Desde o lançamento da Revolução Tranquila, a política quebequense passou a ser orientada pelo seguinte questionamento: qual a natureza das relações que o Quebec deve estabelecer com o restante do Canadá?

Este questionamento recebeu, essencialmente, três respostas: o federalismo canadense, a independência do Quebec e a busca pela autonomia provincial. Elas se tornaram verdadeiras fundações dos partidos políticos quebequenses. Isto significa dizer que no Quebec, ao contrário da maior parte das sociedades ocidentais, a polarização entre os partidos não se dá tanto pela clivagem esquerda-direita, mas, sobretudo, pela oposição entre os proponentes da independência do Quebec, os *souverainistes* (“soberanistas” ou independentistas) e os favoráveis à manutenção do Quebec no Canadá, os federalistas (GAGNON, MAY, 2009, p. 121), como percebemos no gráfico abaixo na medida que o PQ, que assume o campo independentista, e o PLQ, que assume o campo federalista dominam a política quebequense por um longo período, em detrimento dos partidos terceiros.

Gráfico 1: Histórico das eleições no Quebec 1973-2014.

Fonte: Autoria própria, baseado nos dados do *Directeur Général des Élections du Québec*.



O PQ se beneficiou de uma rápida ascensão entre a sua fundação e 1981, antes de, em 1985, diminuir seu eleitorado, período que coincide ao próprio avanço do nacionalismo *québécois* e da derrota do Referendo de 1980 sobre a soberania. Já o PLQ, após registrar uma violenta queda no momento da eleição do PQ de René Lévesque, em 1976, voltou ao seu patamar do início dos anos 1970 a partir de 1985. Assim, entre os anos 1970 e 2000 o essencial da competição eleitoral foi assegurado pela disputa entre estes dois

partidos. Uma configuração bipartidária favorecida pelo fato deste período corresponder aos anos de auge do debate sobre o futuro do Quebec, no qual PLQ e PQ representam os polos deste debate, respectivamente, o campo federalista e o campo independentista. Neste intervalo tivemos a realização de um primeiro referendo sobre a soberania do Quebec, em 1980, no qual 60% dos votos se pronunciaram contrários ao mandato de negociação da soberania-associação com o Canadá. Em 1995, os quebequenses tiveram uma segunda oportunidade de se pronunciar sobre sua eventual independência e, uma vez mais, ela foi recusada. Uma diferença de cerca de 55 mil votos separou, então, os nacionalistas de alcançarem seu objetivo independentista.

No pós-referendos, como o Gráfico 1 mostra, a presença de partidos terceiros na arena eleitoral cresce de maneira contínua. Essa nova configuração se alimenta da perda do interesse no debate pela questão nacional e pelo futuro político do Quebec. Nem mesmo a aprovação da Lei sobre a Clareza Referendária pelo parlamento canadense, em 2000, que impede a declaração unilateral de independência por uma província canadense e que afirma que cabe à Corte Superior do Canadá decidir quando a maioria de votos exprimida em um referendo sobre a “secessão” de uma província é clara o suficiente para que o governo canadense aceite negociá-la, foi capaz de reproduzir um independentismo mais incisivo entre os quebequenses (LAJOIE, 2003, p. 179), apesar de o PQ permanecer, ininterruptamente, no poder entre 1994 e 2003 e de vozes críticas à esta legislação terem se levantado no seio da elite política e intelectual quebequense⁴.

Assim, são cada vez mais questões ligadas ao papel do estado na economia e à gestão das finanças públicas que retêm a atenção dos eleitores quebequenses (Bastien, Bélanger, Gélinau, 2013, p. 17). Outra mudança significativa em relação à Revolução Tranquila e às décadas de 1980 e 1990 e que contribui para a substituição da antiga clivagem entre sobernistas pequistas e federalistas liberais é o avanço da direita política e das ideias conservadoras. Um novo partido, a Ação Democrática do Quebec (ADQ) surge nas eleições de 1994, obtendo 6.5% dos votos e um assento na ANQ. Uma novidade tanto no plano da clivagem sobre a questão nacional, uma vez que a ADQ a reconhece como nociva para o desenvolvimento do Quebec, defendendo a superação da velha clivagem em benefício de uma paz constitucional, marcando uma espécie de retorno da velha proposta autonomista da antiga União Nacional (BOURQUE, 2003), quanto no que diz respeito ao contínuo esquerda-direita, já que a ADQ ocupa um extremo à direita há muito não presente no discurso público, se mostrando muito mais crítica que PLQ e PQ quanto à defesa da herança da Revolução Tranquila.

Atualmente, a oferta política quebequense é dominada por quatro partidos políticos: os já mencionados PLQ e PQ, assim como a Coalização Futuro do Quebec (CAQ), que sucedeu à ADQ quando de sua extinção, em 2012, e Quebec Solidário (QS), formado em 2006. Estes dois últimos partidos aparecem como testemunhos da possível “nova fase de realinhamento eleitoral marcada pela transição de um sistema partidário articulado em torno da questão da soberania do Quebec “[...] em direção a outro sistema, este estando estruturado mais em torno do eixo ideológico esquerda-direita” (BASTIEN, BÉLANGER, GÉLINEAU, 2013, p. 16). De um lado, a CAQ, fundada por dissidentes do PQ e remanescentes da ADQ,

⁴ O líder do Bloco *Québécois*, partido que defende a soberania do Quebec no seio do Parlamento do Canadá, Gilles Duceppe, afirmou que esta lei representa um impedimento ao exercício da democracia pelos quebequenses (2000, p. 14). O acadêmico, Alain-G. Ganon, por sua vez, defendeu que ela representa o condicionamento do Quebec à “opressão da liberdade política e de imposição de uma nova ordem constitucional” (2003b, p. 177).

tivera como política oficial entre os anos de 2011 e 2015 decretar a moratória sobre a questão nacional⁵ e voltar todas as suas atenções para a recuperação econômica do Quebec, por meio, sobretudo, de cortes de impostos e da defesa do poder de compra da classe média (COALITION POUR L'AVENIR DU QUÉBEC, 2011). Já QS, por sua vez, ainda que se declarando abertamente independentista, submete esse objetivo ao avanço de soluções características da esquerda política em questões sociais, rompendo com a abordagem arco-íris do PQ.

Quebec Solidário é um partido de esquerda que visa a construção de uma sociedade baseada na justiça social, no alargamento da democracia, na igualdade entre os homens e as mulheres, no respeito de nossos ecossistemas, no estabelecimento de laços igualitários e pacíficos com os povos de todo o mundo e, em primeiro lugar, com as nações autóctones com as quais nós compartilhamos este território. Seu projeto de sociedade tem como fundamento a democracia participativa e a soberania popular. É neste sentido que consideramos como essencial a ascensão do Quebec ao status de país (QUÉBEC SOLIDAIRE, 2016).

O estudo de Nadeau e Bélanger (2013) sobre o comportamento eleitoral dos quebequenses permite situar o aumento da importância de questões ligadas ao papel do estado na economia e à gestão das finanças públicas no debate político (BASTIEN, BÉLANGER, GÉLINAU, 2013, p. 17), no âmbito de intensificação da competição de PLQ e PQ com partidos terceiros (GODBOUT, 2013, p. 32) e de consolidação do Quebec como a província canadense com o maior número de partidos competitivos (PERRELLA, TANGUAY, 2013, p. 50). Considerando tanto a clivagem soberanistas-federalistas quanto aquela sobre o *continuum* esquerda-direita, os autores concluíram que os partidários do PLQ e do PQ são identificáveis, sobretudo, pelo seu posicionamento quanto à questão nacional, sendo menos homogêneos ideologicamente. Ao inverso, os eleitores da CAQ, bastante dispersos quanto ao futuro constitucional do Quebec, encontram como único ponto de convergência a identificação à direita. Os eleitores de QS, finalmente, são os mais homogêneos do ponto de vista ideológico, mas também apresentam notável coesão em torno do apoio à independência, ainda que de forma menos intensa que dentre os pequistas (NADEAU, BÉLANGER, 2013, p. 197).

No momento em que os quebequenses se dirigem às urnas, em 2014, portanto, o sistema partidário quebequense estaria transicionando de um longo período marcado pelo bipartidarismo para uma configuração multipartidária ou, pelo menos, tripartidária. Ainda, a clivagem em torno da questão nacional não exerceria mais o papel definidor de fronteiras políticas como no passado, sofrendo a concorrência dos debates associados à clivagem esquerda-direita. Vejamos, agora, como esta reorientação impactou na eleição de 2014 e no papel que nela assume a questão nacional.

Os usos do nacionalismo na eleição de abril de 2014

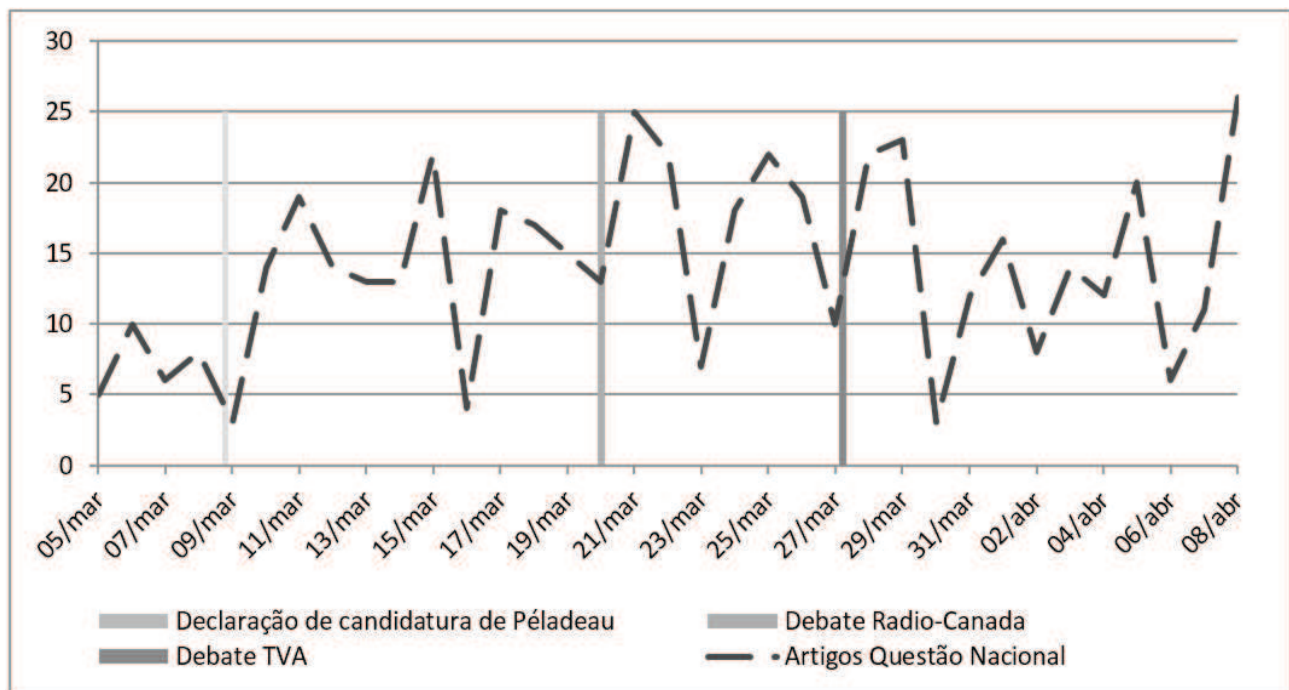
De modo a determinarmos o papel que a temática nacionalista ocupou na campanha da eleição provincial quebequense de abril de 2014 realizamos uma pesquisa junto à mídia impressa do Quebec. Escolhemos três jornais: *La Presse* e *Le Devoir* – ambos publicados em Montreal – por sua abrangência em todo o território quebequense, e o *Journal de Montréal*, que apesar de sua distribuição concentrada em

⁵ No ano de 2015, a direção da CAQ decidiu adotar uma reorientação dita “nacionalista”. Em oposição ao PLQ, federalista, e ao PQ, independentista. Esta virada vem a confirmar nossa suspeita de que após um ensaio de queda da importância da questão nacional, ela volta a estar no centro do debate político no Quebec.

Montreal e sua região metropolitana, é a publicação com a maior tiragem em toda a província (CENTRE D'ÉTUDES SUR LES MÉDIAS, 2015, p. 12). Através da base de dados *Eureka.cc*, fizemos uma seleção de publicações entre os dias 5 de março de 2014 – data do lançamento da campanha eleitoral – e 8 de abril de 2014 – dia seguinte à eleição – relacionadas ao nosso objeto de estudos: o nacionalismo quebequense. Para selecioná-las, criamos um dicionário temático contendo palavras-chave que nos permitiram determinar quais delas eram pertinentes à eleição e ao nosso foco de pesquisa⁶.

Ao total, identificamos 490 publicações mencionando, ao menos uma vez, uma das cinco palavras-chave escolhidas. Destas, (184) foram publicadas no *Journal de Montréal*; (156) no *Le Devoir* e (150) na *La Presse*. Sob o plano do formato do artigo, encontramos: (230) notícias propriamente ditas; (198) artigos de opinião; (54) manifestações de leitores e; (8) editoriais. No Gráfico 2, a seguir, percebemos como elas se comportaram ao longo dos trinta e três dias de campanha.

Gráfico 2: Artigos mencionando a questão nacional



Fonte: Autoria própria, dados retirados da listagem presente no Anexo 01

O Gráfico 2 nos revela a permanência da questão nacional ao longo da campanha eleitoral, indicando picos positivos (8 de abril) e negativos (30 de março) da sua menção. Para melhor compreendermos esta evolução e, desta maneira, o relato da questão nacional pelos veículos selecionados, inserimos três colunas no Gráfico 2, que correspondem à momentos chave da campanha eleitoral que tiveram um efeito sobre a questão nacional. Todos eles anunciam um aumento do número de suas menções. O ponto de partida da análise do papel do nacionalismo na campanha de 2014 deve ser o mandato da Primeira Ministra Pauline

⁶ O dicionário é formado pelas seguintes palavras: *Indépendance* (Independência); *Livre Blanc* (Livro Branco); *Question nationale* (Questão nacional); *Référendum* (Referendo) e; *Souveraineté* (Soberania). A sua escolha levou em consideração o dicionário temático desenvolvido por Lawlor e Bastien (2013) para a análise da campanha de 2012. Algumas das palavras-chave escolhidas por estes autores foram mantidas nesta pesquisa, enquanto outras, relacionadas ao contexto da eleição de 2012, foram substituídas por assuntos mais pertinentes à campanha de 2014.

Marois e as condições de chegada do PQ ao poder em 2012, em especial, no que diz respeito à questão nacional.

Essa temática ainda estava profundamente marcada pela recente experiência da Comissão Bouchard-Taylor, instaurada em 2007, em resposta à dita Crise das Acomodações Razoáveis e que culminara no apelo pela clarificação do regime de laicidade quebequense⁷. Assim, em 2012, o PQ havia prometido tanto a produção de uma Constituição para a afirmação dos valores quebequenses quanto de uma Carta da Laicidade, atendendo dois dos principais anseios da opinião pública. Uma vez eleito, o partido voltou atrás e reuniu estas duas promessas no Projeto de Lei 60, apresentado à ANQ em 7 de novembro de 2013, que portava o título oficial de “Carta Afirmando os Valores de Laicidade e de Neutralidade Religiosa assim como de Igualdade entre as Mulheres e os Homens e Enquadrando as Solicitações de Acomodações”. A Carta dos Valores, ou ainda, *Charte*, como o projeto ficou conhecido na linguagem do cotidiano, representou uma ruptura não apenas com a evolução do debate em torno da neutralidade religiosa do Estado no Quebec ao propor a interdição do porte de símbolos religiosos ostensivos – noção não definida pela lei – mas também com a própria Carta dos Direitos e Liberdades do Indivíduos, a principal legislação quebequense, ao atentar à liberdade de consciência (VENNE, 2016).

Dessa forma, ela foi interpretada como um exemplo de *wedge politics*, ou uma política baseada na divisão, se inscrevendo, assim, nos movimentos de avanço do discurso populista e de ruptura com a concepção de pluralismo baseado no diálogo, no reconhecimento e na participação de todos, que emergira após o fracasso do referendo de 1995 (GAGNON, ST-LOUIS, 2016, p. 15). Ainda, a Carta dos Valores foi apresentada como um símbolo da virada conservadora do nacionalismo quebequense: se fundamentando em uma concepção da diversidade religiosa estranha à cultura política contemporânea (ABIZADEH, 2016), a orientação desejada pelo governo do PQ para a neutralidade religiosa do Estado e a definição dos valores quebequenses iria de encontro ao modelo de laicidade desenvolvido nas democracias ocidentais entre os anos 1960 e 1970, se assemelhando, em contrapartida, àquele estruturado por movimentos europeus conservadores, como a Frente Nacional francesa, de Marine Le Pen (BERNIER ARCAND, 2015, p. 87). Consideramos este debate como um ponto de partida para a análise do papel do nacionalismo na eleição de 2014 e, até mesmo, uma das razões pelas quais essa temática assume, como explicamos a seguir, um papel fundamental no conjunto da campanha.

Na primeira fase da cobertura midiática, a abordagem da questão nacional é feita a partir do prisma da Carta dos Valores. Em sua declaração de candidatura à reeleição, Pauline Marois faz uma breve alusão à legislação proposta pelo governo, reforçando a sua contribuição para a igualdade de sexos e a neutralidade religiosa do Estado (LESSARD, JOURNET, 2014). O principal adversário de Marois, o liberal Philippe Couillard, por sua vez, destacou o caráter divisor da Carta dos Valores, relacionando-o ao objetivo independentista do PQ:

O modo de operação deste governo é a divisão [...] A divisão, em primeiro lugar, entre os quebequenses, entre as comunidades [...] Igualmente, a divisão por meio de sua verdadeira agenda, seu real objetivo, que é a separação do Quebec. Está marcado no slogan deles: ‘Por um Quebec independente’. Então, digamos claramente aos quebequenses:

⁷ Como explica Venne, ainda que a laicidade enquanto valor pudesse ser considerada como um consenso no seio da sociedade quebequense, o princípio da laicidade das instituições públicas do Quebec não era afirmado por nenhuma legislação ou política oficial da província, sendo mantido uma incerteza quanto às suas natureza e extensão (2016, p. 147-148), o que justifica o interesse da Comissão em uma definição mais clara do regime de laicidade e da neutralidade do Estado quebequense.

o retorno do Parti Québécois ao governo é a garantia de um referendo sobre a independência do Quebec (COURVILLE, 2014).

Em reação, Marois, anunciou a redação um livro branco sobre o futuro do Quebec, abandonando o projeto de uma cidadania quebequense. Além disso, a Primeira-Ministra manteve uma posição ambígua sobre a realização de um referendo em caso de vitória do PQ: “não há compromisso em realizar um referendo, mas também não há nenhum compromisso em não realizá-lo, eu acredito que é preciso manter a agenda aberta” (Apud. LAJOIE, 2014, p. 6). Diferentemente do PQ, outros partidos independentistas, como QS e Opção Nacional (ON), reafirmaram seu engajamento em centrar suas campanhas sobre a questão da soberania e em realizar, ao curso de um primeiro mandato, um referendo sobre a independência (BOUTHILLIER, 2014, p. 26; NORMANDIN, 2014, p. A4). A questão nacional também foi abordada por alguns dos principais comentaristas políticos do Quebec, o que denota a sua presença desde os primeiros dias de campanha. André Pratte, em seu editorial no jornal *La Presse*, afirmou que “a eleição do PQ não é apenas o risco de um referendo. É também a retomada do debate sobre a separação [...] Com efeito, se o Parti Québécois obtiver a maioria, ele vai fazer de tudo para dar corpo a sua opção” (2014, p. A22). Vincent Marissal, publicando no mesmo jornal, declarou, por sua vez, que: “O fato de falarmos, tão cedo nesta campanha, de um eventual referendo é um sinal evidente da vantagem do PQ. Para muitos, a eleição de um governo Marois majoritário já está assegurada” (2014, p. A3).

Apesar destes registros de usos do nacionalismo na primeira semana de campanha, é a partir da segunda semana que a questão nacional aparece com maior intensidade na campanha. Em 9 de março, punho ao ar, o proprietário do bilionário império midiático Québecor⁸, Pierre Karl Péladeau, anuncia sua candidatura a deputado de Saint-Jérôme, pelo PQ, “para fazer do Quebec um país”, fazendo explodir o interesse por essa temática.

Antes de examinarmos os efeitos desta tomada de posição na campanha, é preciso considerar a contradição envolvida na adesão de Péladeau ao PQ. É preciso ter em mente que ainda no início da década de 1970 o PQ era considerado como uma fonte de perigo ao *status quo*, em especial, pela sua defesa da independência do Quebec e por suas raízes na social-democracia escandinava (LATOUCHE, 1976, p. 117-119). Como destacamos, até a chegada de QS à cena partidária, o PQ se manteve como o grande representante da esquerda: o partido é sistematicamente apoiado pela Federação dos Trabalhadores do Quebec (FTQ), maior sindicato quebequense. Em sua trajetória anterior à política, Pierre Karl Péladeau, por outro lado, se vez conhecer como um inimigo do sindicalismo. Durante seus quinze primeiros anos de direção de Québecorele realizou 15 *lockouts*, o último deles em 2009, atingindo 253 empregados do *Journal de Montréal* por um total de 764 dias (GUILBERT, LAROSE, 2015). Nesta ocasião, Péladeau publicou em seus jornais um artigo de opinião no qual ele afirmou que o papel dos sindicatos deveria ser reduzido, pois ao longo dos anos havia sido criado um desequilíbrio entre empregadores frágeis e sindicatos poderosos, que estaria penalizando a economia quebequense (PÉLADEAU, 2010, p. 28). Esta contradição entre a orientação do partido e a visão política de um de seus candidatos vedetes, como destacou um comentarista

⁸ Québecor possui cerca de 300 empresas nos mais diversos segmentos das comunicações, como jornais, revistas, canais de televisão, editoras, gravadoras, produtoras de filmes, provedoras de internet e televisão a cabo, que lhe asseguram 40% do peso midiático de todo o Quebec. Pierre Karl Péladeau herdou o grupo de seu pai, Pierre Péladeau, e o dirigiu entre 1999 e 2013 e novamente a partir de fevereiro de 2017, após sua breve passagem pela política quebequense. Em 2008, Péladeau era o 35º CEO melhor pago no Canadá e, em 2014, o 86º canadense mais rico (BELLEROSE, 2014; CASTONGUAY, 2015; FONTAINE, NOLET-ROUSSEAU, 2010).

político (CASTONGUAY, 2015, p. 28), significou a abstração das raízes social-democratas do PQ de modo a atrair um grande empresário para o movimento independentista e, assim, tentar quebrar as incertezas econômicas decorrentes da independência.

Uma vez posta esta candidatura, Pauline Marois anunciou que uma “*República do Quebec*” manteria suas fronteiras abertas com o Canadá (BÉLAIR-CIRINO, 2014, p. A2), assim como o dólar canadense e, preferencialmente, um assento no banco central canadense (JOURNET, 2014, p. A10). Na esteira destas declarações, Péladeau confirmou que ele poderia exercer o papel de negociador do governo do Quebec junto ao Canadá no caso de uma vitória do campo independentista em um terceiro referendo (BROUSSEAU-POULIOT, 2014, p. A2). A ala sindical do PQ, o Partido dos Sindicalistas Progressistas por um Quebec Livre (*SPQ Libre*), reconheceu a aliança estratégica com Péladeau na perspectiva de acelerar a ascensão do Quebec à independência, mas mostrou reservas em vê-lo, um dia, como chefe do PQ (BLAIS, 2014, p. A5). Percebemos, por meio destes usos, um entusiasmo com o PQ a respeito da soberania, apesar das declarações de início de campanha, de que este debate não estaria no centro das preocupações do partido.

O PLQ, por sua vez, insistiu na associação entre uma vitória no PQ e a realização de um novo referendo. Couillard solicitou aos eleitores escolher entre “um governo que vai se ocupar de economia, de empregos, de saúde, de educação, de trabalhos para os nossos jovens, ou um governo que vai nos engajar [...] na via referendária”, lembrando que os quebequenses já teriam um país, o Canadá: “você são cidadãos de um dos maiores países do mundo, uma cidadania que é muito desejada. Nós somos orgulhosos de sermos quebequenses dentro deste país” (Apud. DUTRISAC, 2014, p. A3). Os liberais assumiram, desta maneira, a sua posição federalista, de defesa da permanência do Quebec dentro da federação canadense, assim como o fizeram quando dos referendos de 1980 e de 1995. Couillard, inclusive, confirmou que lideraria o campo contrário à independência em uma eventual campanha referendária (LA PRESSE CANADIENNE, 2014b, p. A2), auxiliando a aumentar a percepção de que este era um debate central da campanha e uma perspectiva a ser tomada em consideração. Ao mesmo tempo, o candidato liberal abandonou suas promessas de debater o reconhecimento do Quebec como uma sociedade distinta no interior do Canadá, se declarando favorável a manutenção do *statu quo* constitucional (CARON, 2014, p. 23; CHOUINARD, 2014, p. A3).

Quanto aos partidos terceiros, a CAQ, que, como demonstramos anteriormente não se beneficia de um debate centrado na questão nacional e que propunha, à época, declarar a sua moratória, se esforçou para diminuir a importância desta temática na eleição (LA PRESSE CANADIENNE, 2014a, p. A3). Já QS buscou tomar proveito da controvérsia marcando a chegada de Péladeau ao PQ para atrair para si o eleitorado mais progressista desse partido, revelando que, entre estas duas formações, existe uma forte competição pela liderança do campo independentista e progressista⁹. Além disso, a formação liderada por François

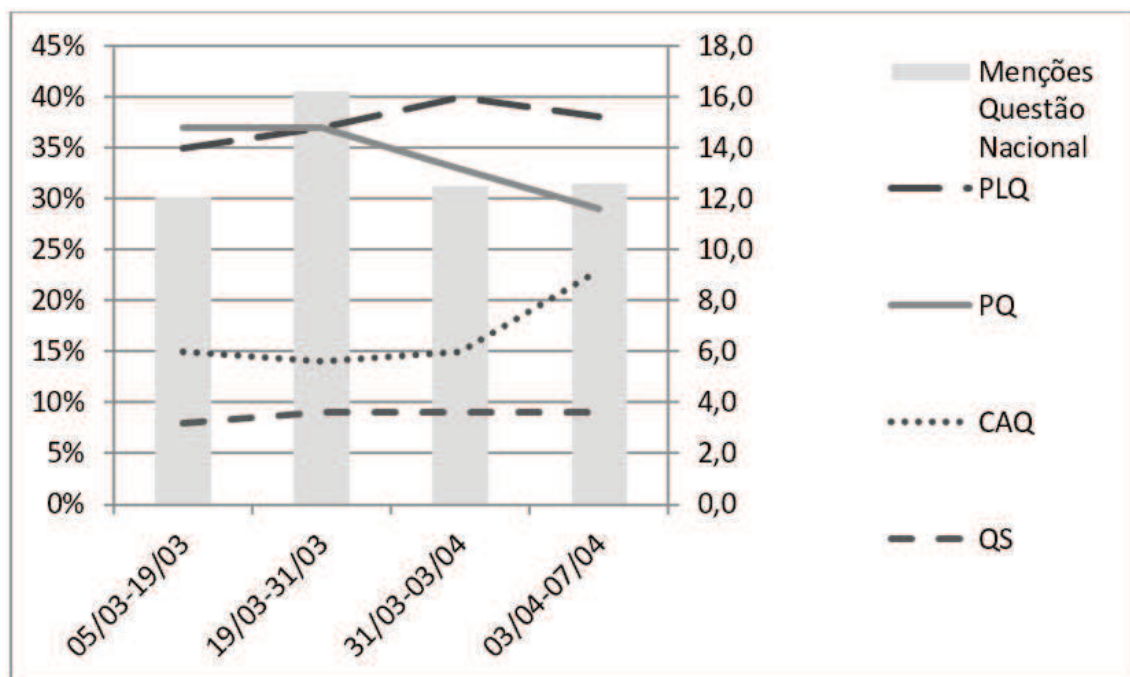
9 O sistema de votação uninominal majoritário de um único turno do Quebec dá lugar a uma viva competição em cada distrito eleitoral. A coexistência de três formações soberanistas e identificadas à esquerda política (PQ, QS e ON) é criticada por dividir o voto de uma mesma família política e, desta forma, favorecer o PLQ, que representa tanto no plano da questão nacional quanto da ideologia o completo inverso do trio soberanista. Nas eleições de 2012, o candidato em Rosement – e atual líder do PQ – Jean-François Lisée acusou QS e ON de fazerem o PQ perder em oze distritos e, com isso, o privarem de uma maioria parlamentar (LISÉE, 2012). No caso das eleições de 2014, de acordo com um cálculo de Radio-Canada, unidos, os soberanistas teriam vencido em 18 outros distritos (GERBET, 2014)

David criticou os impactos negativos da economia canadense sobre o desenvolvimento do Quebec, reafirmando as vantagens econômicas da independência (MUNGER, 2014, p. 84).

A tomada de posição de Péladeau pela independência manteve alta a atenção pela questão nacional até a realização dos dois grandes debates televisivos da campanha, organizados, respectivamente, por Radio-Canada, em 20 de março, e TVA, sete dias mais tarde. Diferentemente do início da campanha, percebemos nestas ocasiões que o PQ buscou cada vez mais trazer ao centro do debate outros assuntos que não a questão nacional. A possibilidade de um terceiro referendo foi progressivamente afastada, mesmo que, em nenhum momento, ela tenha sido descartada por completo. No primeiro debate, por exemplo, Marois declarou que “o que está em jogo nesta eleição é a eleição de um governo [...] enquanto os quebequenses não estiverem preparados, não haverá referendo. O mais urgente é a criação de empregos” (Apud. LESSARD, 2014, p. A2). Na esteira desta declaração, Péladeau se juntou aos esforços da líder do partido para minimizar o papel do referendo na campanha, afirmando, em 29 de março, que: “Não haverá referendo, a senhora Marois foi muito clara. Ela disse que ela consultaria os quebequenses” (Apud. GAGNÉ, 2014, p. 14).

Esta reorientação do PQ, que procurou clarificar sua posição quanto à eventualidade de um terceiro referendo, mesmo sem fechar totalmente esta porta de maneira a não se afastar completamente de sua base independentista, foi, sobretudo, incentivada pela evolução das intenções de voto dos quebequenses. Em 18 de março, o PLQ passou, pela primeira vez, à frente do PQ. Propomos, através do Gráfico 3, comparar a evolução das intenções de voto nos quatro principais partidos quebequenses com a média de artigos mencionando a questão nacional publicados no período correspondente à sondagem eleitoral em questão, percebendo as interfaces entre estes dois dados.

Gráfico 3: Comparação das intenções de voto com as menções à questão nacional



Fonte: Autoria própria, dados retirados de LÉGER (2014).

O Gráfico 3 nos sugere, em especial, que na medida em que o interesse midiático pela questão nacional cresceu, as intenções de voto no PLQ aumentaram, enquanto as no PQ diminuíram. O foco no debate sobre a um possível terceiro referendo e os contornos de um eventual Quebec independente colocou um ponto final ao ciclo de recuperação do PQ nas intenções de voto, lançado em agosto de 2013¹⁰ e que culminara com o partido se situando no primeiro lugar no momento em que Pauline Marois dissolveu a ANQ e chamou novas eleições de maneira a deter uma maioria para aprovar seu projeto de Carta dos Valores (LÉGER, 2014, p. 8). Esta constatação é sustentada por pesquisas de opinião realizadas em meio à campanha: no momento em que o PLQ toma a dianteira das intenções de voto, 64% dos quebequenses não deseja a realização de um referendo sobre a soberania, enquanto 67% dentre eles estão convictos que o PQ organizaria uma nova consulta em caso de eleição majoritária (SAMSON, 2014, p. 11).

Se as intenções de voto nos dois principais partidos – os polos do debate em torno da soberania do Quebec – sofreram significativa variação de acordo com a visibilidade da questão nacional, no caso dos partidos terceiros não pudemos observar esta interface. CAQ e QS não registraram nenhuma variação significativa nas três primeiras sondagens, como se eles fossem imunes a um maior ou menor foco na questão nacional. Apenas na última sondagem é que a CAQ sofreu uma importante variação, sendo que QS se manteve estável. Acreditamos que este comportamento deva ser compreendido à luz da transição da clivagem partidária em torno da questão nacional para o eixo esquerda-direita, ou seja, CAQ e QS se beneficiam de um debate centrado na oposição entre esquerda e direita, no qual podem destacar seus respectivos projetos de corte de impostos ou de justiça social, ao passo em que um debate concentrado na questão nacional, no qual estas formações são ofuscadas pelo domínio do PLQ e do PQ, não lhes interessa. Neste caso, um sucesso futuro dos partidos terceiros poderá estar ligado à diminuição da importância da questão nacional no debate político e ao reforço da clivagem esquerda-direita.

Dessa forma, concluímos que, a exceção da CAQ, o nacionalismo foi um componente importante da estratégia dos principais partidos quebequenses. QS buscou tornar mais clara a sua adesão ao campo soberanista. Assim, o partido concorre com o PQ não apenas sob o plano ideológico, mas também da questão nacional, se apresentando como um refúgio para os críticos do nacionalismo “identitário” do PQ, de sua visão econômica tida como neoliberal e de suas hesitações quanto à realização da independência. Um movimento necessário em vista de seu projeto de chegar ao poder provincial até 2026 (PERRON, 2016). Dentre os liberais, o principal uso da questão nacional se deu para destacar que o PQ esconderia suas reais intenções quanto a um novo referendo no caso da sua reeleição. O líder liberal foi até mesmo ao ponto de anunciar a inviabilidade econômica de um Quebec independente, reafirmando o seu pertencimento ao Canadá. Quanto ao PQ, finalmente, mesmo que a perspectiva de independência tenha sido mencionada, grande parte da campanha do partido girou em torno das tentativas de esvaziar este assunto na campanha, de modo a evitar sua queda nas intenções de voto. De maneira mais marcante, a questão nacional se fez presente no discurso pequista quando da defesa da Carta dos Valores Quebequenses.

Conclusão

O Quebec, da mesma forma que sociedades como a Catalunha e a Escócia, tem sido classificado como uma pequena nação. Nós demonstramos como este conceito vem sendo questionado por autores

¹⁰ Conforme o instituto Léger, o PQ se encontrava em uma sólida recuperação desde agosto de 2013, após ter atingido, em junho daquele ano, o seu nível de intenções de voto mais baixo (27%) desde a eleição de setembro de 2012 (LÉGER, 2014, p. 8).

que, no seu lugar, desenvolvem as noções de minorias nacionais ou de Nações sem Estado, de modo a melhor dar conta da compreensão destas sociedades e a superar o problemático pressuposto segundo o qual no seio das pequenas nações se desenvolveria um movimento nacionalista de base, necessariamente, étnica, fruto de seu sentimento de fragilidade. Com efeito, o estudo do Quebec desmente este pressuposto: a partir dos anos 1960, a população daquela província substituiu um nacionalismo étnico por uma manifestação muito mais aberta a indivíduos de todas as origens, afirmando uma nação cujas fronteiras sejam definidas politicamente e não mais por meio da etnicidade canadense-francesa.

Por meio de um levantamento junto a três jornais francófonos do Quebec identificamos um total de 490 publicações relacionadas à temática nacionalista ao longo dos 33 dias de campanha da eleição provincial quebequense de 7 de abril de 2014, que nos permitiram identificar o papel e os usos da questão nacional nesta ocasião e, com isso, compreender, o seu papel na sociedade quebequense de hoje.

A questão nacional emergiu pela primeira vez, em campanha, em torno do debate sobre a Carta dos Valores. Com efeito, essa proposta de legislação, em debate desde novembro de 2013, estava a promover um profundo exame sobre a natureza da identidade quebequense. A importância que tomam assuntos relativos às diversidades étnica, cultural e linguística na sociedade quebequense contemporânea deve ser compreendida à luz do desafio que representa para a maioria francófona a afirmação do Quebec enquanto sociedade multiétnica (BALTHAZAR, 2013, p. 292). Ao romper com a evolução que se registrava até então sobre a questão da laicidade no Quebec, a Carta acabou por aumentar o mal estar que experimentam muitos quebequenses – em especial, membros de minorias etnoculturais – que se exprime, sobretudo, nas suas dificuldades de identificação coletiva. Ao abrir o debate sobre os valores quebequenses, a Carta acabou por levantar o questionamento de quem é quebequense. Uma nação, como lembra Maclure, só existe quando é nomeada: “A nação não pode estar separada de sua narração. A nação não ocupa o lugar que é seu, mas sim a representação que seus membros fazem dela” (2003, p. 39). Se a retórica dominante apresenta a Revolução Tranquila, de 1960, como o momento de ruptura com o nacionalismo canadense-francês e todo o seu conteúdo reacionário, incentivando a emergência de um nacionalismo cívico portado, em especial, pelo movimento independentista (e no seio deste, pelo *Parti Québécois*), a Carta representou um questionamento desta narrativa. A sequência dos acontecimentos confirmará a hipótese segundo a qual ela seria um anúncio de que, na impossibilidade de realização da independência pela via parlamentar-referendária, o Quebec se veria mais sensível a um discurso populista e refratário à diversidade. Em outras palavras, de um movimento de retorno a um nacionalismo menos inclusivo.

Além da Carta, a filiação de Pierre Karl Péladeau – cujas tomadas de posição anteriores à vida política indicavam pouca sensibilidade aos valores social-democratas – também foi tomada como um exemplo da virada conservadora do PQ e, por extensão, dos movimentos nacionalista e independentista *québécois*. Se a Carta havia destacado a questão nacional do ponto de vista do debate sobre a identidade, a estratégia de comunicação de Péladeau colocou a luz na eventualidade de um terceiro referendo sobre a independência. Comparando o número de menções à questão nacional pela mídia – que tomamos como termômetro da importância deste assunto na campanha – e os barômetros de intenção de voto, podemos concluir que ela impactou no resultado da eleição. Quanto mais ela ganhava destaque – e, portanto, mais o PQ era obrigado a abordá-la de maneira defensiva, uma vez que uma ampla maioria de quebequenses é contrária à realização de um novo referendo – mais este partido caiu nas intenções de voto e, também, mais o Partido Liberal do Quebec – contrário à realização de um referendo sobre a independência, uma posição ampla-

mente compartilhada pelos quebequenses – cresceu. Se, inicialmente, pesquisas apontavam o *Parti Québécois* como vencedor do pleito, este se findou com a eleição dos liberais e a segunda pior votação recebida pelos pequistas na história. Esta conclusão nos permite considerar alguns possíveis caminhos da questão nacional e pistas para a sua compreensão.

Foram repetidos, em 2014, os mesmos parâmetros presentes no debate público desde os anos 1960 para abordar o futuro político do Quebec. A proposta do Partido Liberal do Quebec não evoluiu para além de uma espécie de federalismo renovado em troca do total apoio do Quebec à Federação Canadense, apesar deste cenário já ter sido prometido pelo campo contrário à independência do Quebec nos referendos de 1980 e 1995 sem nunca, contudo, ter se realizado. Do lado do *Parti Québécois*, a opção constitucional que o partido apresenta para o futuro do Quebec parece não ser mais capaz de mobilizar de maneira majoritária os quebequenses. Quanto aos partidos terceiros, QS – mesmo que resolutamente contrário à Carta dos Valores – não indica uma solução diferente daquela do PQ para o futuro do Quebec, sendo apenas mais determinado que este na organização de um referendo. Já a CAQ, traz de volta ao debate o velho posicionamento da autonomia provincial, característico do discurso da União Nacional, nas décadas de 1940 e 1950. Em um cenário em que os dois principais partidos parecem presos a soluções já amplamente conhecidas e que os partidos terceiros não são capazes de inovar este debate, fica evidente a necessidade dos quebequenses renovarem os parâmetros do debate sobre seu futuro político. Como nos lembra Cardinal, este é um esforço “[cuja] ambição é nobre e a possibilidade de uma renovação da reflexão sobre o Quebec e o federalismo é desejável, pois são numerosos os quebequenses que ainda não aceitam o *statu quo* constitucional e, ainda menos, o federalismo de fechamento” (2010, p. 427).

A presente pesquisa indicou, notadamente, que mesmo com o incremento da competição eleitoral e da importância de questões relacionadas à clivagem esquerda-direita no debate público, a questão nacional ainda continua de primeira importância para se compreender o Quebec. Isto se percebe por meio da atenção que lhe reservaram os partidos políticos em suas ações de campanha; do significativo papel que ela ocupou na cobertura midiática; da sua capacidade de mobilização do eleitorado quebequense e; do seu potencial explicativo dos resultados da eleição de abril de 2014. Ao mesmo tempo, sozinha, no entanto, esta temática não nos explica a evolução contemporânea do Quebec. O entendimento desta contradição, a nosso ver, não pode ser feito à luz apenas da eleição de 2014 ou de qualquer outro escrutínio em particular, mas deve ser estabelecido considerando as estruturas política, econômica e cultural da Federação Canadense nas quais o Quebec está inserido; os impactos da pós-modernidade sobre os movimentos nacionalistas minoritários; as transformações próprias ao nacionalismo quebequense, notadamente, sua suposta virada conservadora; e, especialmente, as tensões internas ao movimento independentista quebequense e ao *Parti Québécois*. Este é o caminho que vislumbramos para a continuação dos nossos estudos sobre o Quebec.

Referências

ABIZADEH, Arash. Les signes religieux, la laïcité et la mentalité médiévale: du débat public sur la Charte des valeurs. In: GAGNON, Alain-G.; ST-LOUIS, Charles (Orgs.). **Les conditions du dialogue au Québec: laïcité, réciprocité, pluralisme**. Montreal: Québec-Amérique, 2016, p. 29-42.

- AUTOR. De um nacionalismo a outro: identidades em mutação no Quebec. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFSM, 1., 2016. **Anais**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2016.
- BALTHAZAR, Louis. **Nouveau bilan du nationalisme au Québec**. Montreal : Vlb éditeur, 2013. 317 p.
- BASTIEN, Frédéric; BÉLANGER, Éric; GÉLINEAU, François. Une élection extraordinaire? In: BASTIEN, F.; BÉLANGER, E.; GÉLINEAU, F. (Org.). **Les Québécois aux urnes: les partis, les médias et les citoyens en campagne**. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2013, p. 9-20.
- BÉLAIR-CIRINO, Marco. Marois rêve d'un pays sans frontières. **Le Devoir**, Montreal, p. A2, 12 mar. 2014.
- BELLEROSE, Patrick. Course à la chefferie: Combien vaut Pierre Karl Péladeau? **Le Huffington Post Québec**, Montreal, 27 nov. 2014. Disponível em: <http://quebec.huffingtonpost.ca/2014/11/27/chefferie-pq-combien-vaut-pierre-karl-peladeau_n_6231854.html> Acesso em: 31 mar. 2017.
- BERNIER ARCAND, Philippe. **Le Parti Québécois : d'un nationalisme à l'autre**. Montreal: Les Éditions Poètes de Brousse, 2015, 158 p.
- BLAIS, Annabelle. Le SPQ Libre ne veut pas de PKP comme chef. **La Presse**, Montreal, p. A5, 11 mar. 2014.
- BOISVERT, Yves. Crises d'identité. **La Presse**, Montreal, p. A6, 8 avr. 2014.
- BOURQUE, Gilles. Un duplessisme postmoderne et néolibéral? La question constitutionnelle. In: PIOTTE, Jean-Marc (Org.). **ADQ à droite toute! Le programme de l'ADQ expliqué**. Montreal: Les éditions Hurtubise HMH, 2003, p. 194-213. Disponível em : < http://classiques.uqac.ca/contemporains/piotte_jean_marc/a_droite_toute_programme_ADQ/a_droite_toute.html>. Acesso em: 01 abr. 2017.
- BOUTHILLIER, Christine. Option Nationale mise tout sur la souveraineté. **Le Journal de Montréal**, Montreal, p. 26, 6 mar. 2014.
- BROUSSEAU-POULIOT, Vincent. Péladeau, négociateur pour le Québec? **La Presse**, Montreal, p. A2, 11 mar. 2014.
- CARDINAL, Linda. Le Québec devrait-il renouer avec le débat sur son avenir au sein du Canada? **Recherches sociographiques**, v. 51, n. 3, p. 427-438, 2010.
- CARDINAL, Linda; PAPIILLON, Martin. Le Québec et l'analyse comparée des petites nations. **Politiques et Sociétés**, v. 30, n. 1, p. 75-93, 2011.
- CARON, Régys. Couillard abandonne la question constitutionnelle. **Le Journal de Montréal**, Montreal, p. 23, 17 mar. 2014.
- CASTONGUAY, Alec. L'art de la guerre selon PKP. **L'Actualité**, v. 40, n. 10, p. 27-42, jul. 2015.
- CENTRE D'ÉTUDES SUR LES MÉDIAS. **La presse quotidienne**. Quebec: Centre d'Études sur les Médias, 2015. 14 p. Disponível em : < <http://www.cem.ulaval.ca/pdf/pressequotidienne.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- CHOUINARD, Tommy. Constitution: même position que la CAQ. **La Presse**, Montreal, p. A3, 17 mar. 2014.
- COALITION POUR L'AVENIR DU QUÉBEC. **Coalition pour l'avenir du Québec**. Montreal, 2011. Disponível em : < http://www.bibliotheque.assnat.qc.ca/DepotNumerique_v2/AffichageNotice.aspx?idn=832>. Acesso em: 29 ago. 2015.
- COUILLARD, Philippe. **Point de presse de M. Philippe Couillard, chef de l'opposition officielle**. Quebec: Assemblée Nationale du Québec, 2014. Disponível em : <<http://www.assnat.qc.ca/fr/actualites-salle-presse/conferences-points-presse/ConferencePointPresse-15963.html>>. Acesso em: 24 nov. 2015.
- DAVID, Michel. Le long hiver. **Le Devoir**, Montreal, p. A3, 8 avr. 2014.
- DESCÔTEAUX, Bernard. La sanction. **Le Devoir**, Montreal, p. A1, 8 avr. 2014.
- DUCEPPE, Gilles. **Question d'identité**. Outremont (Canada): Lanctôt éditeur, 2000. 249 p.

- DUMONT, Fernand. **Genèse de la société québécoise**. Montreal: Boréal, 1993. 393 p.
- DUTRISAC, Robert. Les électeurs devront choisir entre un référendum et des emplois, dit Couillard. **Le Devoir**, Montreal, p. A3, 10 mar. 2014.
- FONTAINE, Léa; NOLET-ROUSSEAU, Émilie. Ne lisez pas le Journal de Montréal. À **bâbord**, n. 34, 2010. Disponível em: <<https://www.ababord.org/Ne-lisez-pas-le-Journal-de>> Acesso em: 31 mar. 2017.
- GAGNÉ, Louis. Faire d'abord la souveraineté économique. **Le Journal de Montréal**, Montreal, p. 14, 29 mar. 2014.
- GAGNON, Alain-G. Introdução. In: GAGNON, Alain-G (Org.). **Quebec: Estado e Sociedade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 13-18.
- _____. O dossiê constitucional Quebec-Canadá. In: GAGNON, Alain-G (Org.). **Quebec: Estado e Sociedade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 153-178.
- GAGNON, Alain-G.; BOUCHER, François. L'état québécois devant les défis de la diversité ethnoculturelle. In: GAGNON, Alain-G.; ST-LOUIS, Charles (Orgs.). **Les conditions du dialogue au Québec: laïcité, réciprocité, pluralisme**. Montreal: Québec-Amérique, 2016, p. 173-196.
- GAGNON, Alain-G.; MAY, Paul. Les fédéralistes, les autonomistes et les souverainistes au Québec : visions plurielles et enjeux nationaux. In: LALIBERTÉ, Robert (Org.). À la rencontre d'un Québec qui bouge: Introduction générale au Québec. Paris : Éditions du CTHS, 2009. p. 121-135.
- GAGNON, Alain-G.; MONTCALM, Mary Beth. **Québec: Au-delà de la Révolution Tranquille**. Montreal: Vlb éditeur, 1992. 336 p.
- GAGNON, Alain-G.; ST-CHARLES, Louis. Les conditions du dialogue au Québec. In: GAGNON, Alain-G.; ST-LOUIS, Charles (Orgs.). **Les conditions du dialogue au Québec: laïcité, réciprocité, pluralisme**. Montreal: Québec-Amérique, 2016, p. 11-25.
- GERBET, Thomas. Les souverainistes regroupés auraient menacé la majorité libérale. **Radio Canada**, Montreal, 9 abr. 2014. Disponível em: <<http://ici.radio-canada.ca/nouvelle/661916/souverainistes-regroupement-virtuel>>. Acesso em: 01 abr. 2017.
- GODBOUT, François. Les élections au Québec de 1973 à 2012. In: BASTIEN, F.; BÉLANGER, E.; GÉLINEAU, F. (Org.). **Les Québécois aux urnes: les partis, les médias et les citoyens en campagne**. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2013, p. 23-43.
- GOVERNEMENT DU CANADA. **Le français et la francophonie au Canada: Langue, recensement de la population de 2011**. Ottawa: Statistique Canada, 2011. 12 p.
- GUILBERT, Manon; LAROSE, Michel. **Lockout au Journal de Montréal: enjeux d'un conflit de travail**. Saint-Joseph-du-Lac (Canadá): M Éditeur, 2015, 184 p.
- HEARN, Jonathan. **Rethinking nationalism: a critical introduction**. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2006. 272 p.
- HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das Tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 9-23.
- JONES, Richard. Do regime inglês aos dias de hoje. In: BÉLANGER, A., HANCIAU, N., DION, S. **A América Francesa: introdução à cultura quebequense**. Rio Grande: Editora da FURG, 1999, p. 173-189.
- JOURNET, Paul. La souveraineté, le dollar et la santé. **La Presse**, Montreal, p. A10, 13 mar. 2014.
- KEATING, Michael. Nações sem Estado ou Estados regionais? Território e poder num mundo globalizador. In: GAGNON, Alain-G (Org.). **Quebec: Estado e Sociedade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 477-494.
- KEATING, Michael; MCGARRY, John. Introduction. In: KEATING, Michael; MCGARRY, John (Org.). **Minority Nationalism and the Changing International Order**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

- KYMLICKA, Will. Immigrant Integration and Minority Nationalism. In: KEATING, Michael; MCGARRY, John (Org.). **Minority Nationalism and the Changing International Order**. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 61-83.
- _____. **La citoyenneté multiculturelle**: une théorie libérale du droit des minorités. Montreal: Boréal, 2001. 360 p.
- LA PRESSE CANADIENNE. Legault mise sur l'éducation et l'innovation. **Le Devoir**, Montreal, p. A3, 15 mar. 2014.
- _____. Référendum sur la souveraineté – Couillard prêt à diriger le camp du Non. **Le Devoir**, Montreal, p. A2, 13 mar. 2014.
- LAJOIE, Andrée. A lei sobre a clareza no seu contexto. In: GAGNON, Alain-G (Org.). **Quebec: Estado e Sociedade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 179-196.
- LAJOIE, Geneviève. Un referendum demeure une possibilite pour Pauline Marois. **Le Journal de Montréal**, Montreal, p. 6, 7 mar. 2014.
- LALIBERTÉ, Robert. Introduction. In: LALIBERTÉ, Robert (Org.). **À la rencontre d'un Québec qui bouge: Introduction générale au Québec**. Paris : Éditions du CTHS, 2009. p. 13-18.
- _____. **Le Québec, connais-tu? Histoire et enjeux sociaux du Québec**. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2014, 81 p.
- LATOUCHE, Daniel. Le Parti Québécois à la recherche du pouvoir. In: PELLETIER, Réjean (Org.). **Partis politiques au Québec**. Montreal: Cahiers du Québec/Hurtubise HMH, 1976, p. 117-142.
- LAWLOR, Andrea; BASTIEN, Frédéric. La campagne vue par la presse écrite. In. BASTIEN, F.; BÉLANGER, E.; GÉLINEAU, F. (Org.). **Les Québécois aux urnes: les partis, les médias et les citoyens en campagne**. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2013, p. 109-122.
- LÉGER. **Sondage – Politique Provinciale: Campagne électorale 2014**. Montreal: Léger, 2014. p. 12. Disponível em: <http://www.leger360.com/admin/upload/publi_pdf/201404051FR.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2015.
- LESSARD, Denis. La question nationale vole la vedette. **La Presse**, Montreal, p. A2-A3, 21 mar. 2014.
- LESSARD, Denis; JOURNET, Paul. Pauline Marois déclenche les élections générales provinciales. **La Presse**, Montreal, 05 mar. 2014. Disponível em : <<http://www.lapresse.ca/actualites/elections-quebec-2014/201403/05/01-4744706-pauline-marois-declenche-les-elections-generales-provinciales.php>>. Acesso em: 16 nov. 2015.
- LÉVESQUE, René. **Option Québec**. Montreal: Éditions Typo, 1997. 353 p.
- LINTEAU, Paul-André et al. **Histoire du Québec contemporain**. Tome II, le Québec depuis 1930. Montreal: Boréal Compact, 1989. 834 p.
- LISÉE, Jean-François. Déchiffrer l'élection de 2012. **Le blogue de Jean-François Lisée**, Montreal, 09 set. 2012. Disponível em: <<http://jflisee.org/dechiffrer-lelection-de-2012/>>. Acesso em: 01 abr. 2017.
- MACLURE, Jocelyn. Narrativas e contranarrativas identitárias no Quebec. In: GAGNON, Alain-G (Org.). **Quebec: Estado e Sociedade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 39-60.
- MARISSAL, Vincent. C'est quoi l'enjeu, déjà? **La Presse**, Montreal, p. A3, 6 mar. 2014.
- MCPARLAND, Kelly. Separatism feels so good when it stops. **National Post**, Toronto, 8 abr. 2014. Disponível em: < <http://news.nationalpost.com/full-comment/kelly-mcparland-separatism-feels-so-good-when-it-stops>>. Acesso em: 17 nov. 2015.
- MILOT, Micheline. Le Québec et la laïcité. In: LALIBERTÉ, Robert (Org.). **À la rencontre d'un Québec qui bouge: Introduction générale au Québec**. Paris: Éditions du CTHS, 2009. p. 63-75.
- MUNGER, Michel. L'indépendance économique selon Québec Solidaire. **Le Journal de Montréal**, Montreal, p. 84, 18 mar. 2014.
- NADEAU, Richard; BÉLANGER, Éric. Un modèle général d'explication du vote des Québécois. In. BASTIEN, F;

- BÉLANGER, E.; GÉLINEAU, F. (Org.). **Les Québécois aux urnes**: les partis, les médias et les citoyens en campagne. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2013, p. 191-207.
- NORMANDIN, Pierre-André. Sur le terrain de la souveraineté. **La Presse**, Montreal, p. A4, 6 mar. 2014.
- PARENT, Étienne. Adresse au public canadien [1831]. In: LAMONDE, Yvan; CORBO, Claude (Org.). **Le rouge et le bleu**: une anthologie de la pensée politique au Québec de la Conquête à la Révolution tranquille. Montreal: Presses de l'Université de Montréal, 1999, p. 83-88.
- _____. La nationalité [1837]. In: LAMONDE, Yvan; CORBO, Claude (Org.). **Le rouge et le bleu**: une anthologie de la pensée politique au Québec de la Conquête à la Révolution tranquille. Montreal: Presses de l'Université de Montréal, 1999, p. 107-108.
- PATRIQUIN, Martin. The epic collapse of Quebec separatism. **Maclean's**, Toronto, 11 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.macleans.ca/politics/the-epic-collapse-of-separatism/>>. Acesso em: 29 ago. 2015.
- PÉLADEAU, Pierre Karl. Et si nous nous posions d'autres questions pour l'avenir du Québec? **Le Journal de Montréal**, Montreal, p. 28, 21 jan. 2010.
- PERRELLA, Andrea M. L.; TANGUAY, Brian. Le Québec : marginal ou avant-gardiste? Le système partisan dans les provinces canadiennes. In: BASTIEN, Frédérik; BÉLANGER, Éric; GÉLINEAU, François (orgs.). **Les québécois aux urnes**: les partis, les médias et les citoyens en campagne. Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2013, p. 45-59.
- PERRON, Louis-Samuel. Québec solidaire veut prendre le pouvoir d'ici 10 ans. **La Presse**, Montreal, 28 mai. 2016. Disponível em: <<http://www.lapresse.ca/actualites/politique/politique-quebecoise/201605/28/01-4986042-quebec-solidaire-veut-prendre-le-pouvoir-dici-10-ans.php>>. Acesso em: 01 abr. 2017.
- PERRONE-MOISÉS, Beatriz. De que se lembram os québécois? Processos de constituição da identidade nacional no Quebec. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 59, 2001, p. 23-36.
- PRATTE, André. L'agenda ouvert. **La Presse**, Montreal, p. A22, 8 mar. 2014.
- QUÉBEC SOLIDAIRE. **Un pays démocratique et pluriel**: décisions prises par le 5^e congrès de Québec solidaire les 20, 21 et 22 novembre 2009, mises à jour par le 11^e congrès les 27, 28 et 29 mai 2016. Montréal: Québec solidaire, 2016. Disponível em: <<http://api-wp.quebecsolidaire.net/wp-content/uploads/2016/01/R%C3%A9sultats.ENJEU-1.2016fin4.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2017.
- RIOUX, Marcel. **Les québécois**. Paris: Éditions du Seuil, 1980. 189 p.
- SALVET, Jean-Marc. Le PQ vise 75 sièges et une majorité. **Le Soleil**, Quebec, 1 mar. 2014. Disponível em: <http://www.lapresse.ca/le-soleil/actualites/politique/201402/28/01-4743608-le-pq-vise-75-sieges-et-une-majorite.php?utm_categorieinterne=trafficdrivers&utm_contenuinterne=cyberpresse_lire_aussi_4744709_article_POS2>. Acesso em: 10 nov. 2015.
- SAMSON, Jean-Jacques. PKP au trésor. **Le Journal de Montréal**, Montreal, p. 11, 19 mar. 2014.
- SMITH, Anthony. O nacionalismo e os historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. P. 185-208.
- TAYLOR, Charles. **Rapprocher les solitudes**: écrits sur le fédéralisme et le nationalisme au Canada. Quebec: Presses de l'Université Laval, 1990. 236 p.
- VENNE, Michel. Prudence législative et patiente démocratique: les leçons d'un débat public sur la neutralité religieuse de l'État du Québec. In: GAGNON, Alain-G.; ST-LOUIS, Charles (Orgs.). **Les conditions du dialogue au Québec**: laïcité, réciprocité, pluralisme. Montreal: Québec-Amérique, 2016, p. 147-170.

Recebido em 24/04/2017.

Aceito em 23/08/2017.